



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS VI  
COLEGIADO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS VERNÁCULAS**

TÂMARA DA SILVA ALMEIDA GOTARDO

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MULATA NA OBRA LITERÁRIA  
“GRABIELA, CRAVO E CANELA” DE JORGE AMADO**

Caetité

2018

TÂMARA DA SILVA ALMEIDA GOTARDO

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MULATA NA OBRA LITERÁRIA  
“GRABIELA, CRAVO E CANELA” DE JORGE AMADO**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI - Caetité, como requisito parcial avaliativo para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Vernáculas com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Profa. Me. Maria Angélica Rocha Fernandes.

Caetité

2018

TÂMARA DA SILVA ALMEIDA GOTARDO

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MULATA NA OBRA LITERÁRIA  
“GRABIELA, CRAVO E CANELA” DE JORGE AMADO**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia, Campus VI - Caetité, como requisito parcial avaliativo para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Vernáculas com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientadora: Prof. Me. Maria Angélica Rocha Fernandes.

Aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ma. Maria Angélica Rocha Fernandes  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Prof. Me. Ricardo Tupiniquim Ramos  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

---

Profa. Dra. Zoraide Portela da Silva  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Dedico este trabalho aos meus pais, Zenaide Rosa da Silva e Adão Almeida da Silva (*In memoriam*), que são a razão da minha persistência e dedicação. Ao meu Irmão, Tiago da Silva Almeida, por sempre torcer para que eu alcance os meus objetivos. Aos meus avós, Virgílio Rodrigo Dias e Irani Rosa da Silva, por estarem sempre presentes com seus respectivos exemplos de bondade. Ao meu esposo, Hugo Gotardo, pelo carinho e motivação nesse momento tão importante em minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me proporcionado saúde para que eu pudesse realizar este trabalho e capacidade no decorrer das atividades desenvolvidas.

À minha orientadora, profa. Me. Maria Angélica Rocha Fernandes, pela orientação e paciência que contribuíram para o desenvolvimento do meu conhecimento intelectual.

A todos aqueles que compõem o quadro de profissionais da UNEB: professores, pelo carinho e apoio no momento mais difícil; à Delma Pereira e Jeane, pela dedicação; ao colegiado; às minhas colegas e amigas Cidalva Silva, Joelma Santos e Lucidalva Alves que estiveram sempre presentes quando precisei.

Aos meus familiares, pelo amor, paciência e apoio.

A todos que contribuíram para a realização deste trabalho.

ALMEIDA, Tâmara da Silva. (2018). **A representação da mulher mulata na obra literária “Gabriela, Cravo e Canela” de Jorge Amado**. TCC – Licenciatura em Letras Vernáculas. Orientadora: Profa. Me. Maria Angélica Rocha Fernandes. Caetité UNEB/ DCH – Campus VI, 44 pp.

## RESUMO

Este trabalho é resultado de análise bibliográfica da obra “Gabriela, cravo e canela”, de autoria do escritor baiano Jorge Amado, que revela apropriação da cultura negra ao apresentar ao leitor enredo que traz personagens transgressoras, como Gabriela, Malvina e Sinhazinha contradizendo todos os princípios da época em que a trama se passa. Apesar da existência de mais de uma personagem com essa característica, esta análise tem como foco principal a protagonista Gabriela. Para tanto, foi feito um breve panorama sobre a literatura afro-brasileira e sua importância que, apesar de sua literariedade, ainda sofre marginalização, tal qual as mulheres que viviam na época do conservadorismo e tradicionalismo. Mulheres negras lutaram para conseguirem um lugar por direito na sociedade, viviam em um tempo conservador, sendo obrigadas a seguirem regras impulsionadas pelo pai ou marido, sem ter voz para opinar e reagir contra o machismo e preconceito que lhes eram impostos. Com isso, a mulher negra lutou para ocupar seu espaço através de movimentos que abriram novos caminhos para o reconhecimento de sua identidade. O negro foi ocultado, vivendo como objeto e não como sujeito, mas a literatura afro-brasileira é caracterizada pela sua temática principal, ou seja, pelo negro como sujeito de sua própria história. Como referencial teórico, foram importantes considerações como as de Amado (1959/2008); Algranti (1993); Bernd (1988); Del Priori (2003); Freyre (1900), Hall (2009/2011); Munanga (1998); Ribeiro (1995), Patrício (1999) e outros que contribuíram para a realização desta pesquisa.

**Palavras-chave:** Mulher. Literatura. Representação. Machismo.

ALMEIDA, Tâmara da Silva. (2018). **The representation of the mulatto woman in the literary work “Gabriela, Cravo and Canela” by Jorge Amado**. TCC – College Degree in Vernacular Letters. Advisor: Teacher. MSc. Maria Angélica Rocha Fernandes. Caetité UNEB / DCH - Campus VI, 44 pp.

## **ABSTRACT**

This work is the result of a bibliographical analysis of the work Gabriela, harpsichord and cinnamon, authored by the Bahian writer Jorge Amado, which reveals the appropriation of black culture by presenting the reader with transgressors such as Gabriela, Malvina and Sinhazinha - represented in a sensual way - contradicting all the principles of the time in which the plot takes place. In spite of the existence of more than one character with this characteristic, this analysis has as main focus the protagonist Gabriela. For that, a brief overview was made of Afro-Brazilian literature and its importance that, despite its literary nature, is still marginalized, such as women who lived in the era of conservatism and traditionalism. Black women fought to get a rightful place in society, lived in a conservative time, being forced to follow rules driven by their father or husband, without having a voice to speak out and react against the machismo and prejudice imposed on them. With this, the black woman struggled to occupy her space through movements that opened new avenues for the recognition of her identity. The Negro was concealed, living as an object and not as a subject, but Afro-Brazilian literature is characterized by its main theme, that is, by the Negro as the subject of his own history. As a theoretical reference, important considerations were those of Amado (1959/2008); Algranti (1993); Bernd (1988); Del Priori (2003); Freyre (1900), Hall (2009/2011); Munanga (1998); Ribeiro (1995), Patrício (1999) and others who contributed to this research.

**Keywords:** Woman. Literature. Representation. Chauvinism.

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 A CONSTRUÇÃO DE VALORES EM UMA SOCIEDADE MACHISTA E PRECONCEITUOSA: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....</b>	<b>12</b>
2.1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA .....	12
2.2 IDENTIDADES TRANSGRESSORAS: MALVINA E SINHAZINHA.....	15
2.3 GABRIELA: UM PÁSSARO PRESO .....	20
<b>3 REPRESENTAÇÃO DA MULHER MULATA GABRIELA NA OBRA LITERÁRIA “GABRIELA, CRAVO E CANELA” DE JORGE AMADO .....</b>	<b>23</b>
3.1 MULATA PARA FORNICAR.....	23
3.2 MULATA E GABRIELA .....	26
3.3 “EU NASCI ASSIM...” .....	30
<b>4 A IMPORTÂNCIA DA MULHER NEGRA NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE COMO SUJEITO DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA.....</b>	<b>33</b>
4.1 O NEGRO VISTO COMO NEGRO.....	33
4.2 LUTAS E CONQUISTAS DAS MULHERES NO INÍCIO DO SÉCULO XX .....	36
4.3 A MULHER NO INÍCIO DO SÉCULO XX E SUA IMPORTÂNCIA NO MATRIMÔNIO	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>43</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo precípua deste trabalho é a análise da imagem do negro na literatura brasileira sob o enfoque da literatura afro-brasileira a partir das representações da mulher negra na obra literária “Gabriela, Cravo e Canela”, de autoria do escritor baiano Jorge Amado, buscando compreender como a mulher negra era representada pela sociedade da época e de que forma lutou para ser valorizada como sujeito de sua própria história.

Desta maneira, este trabalho é resultado de análise bibliográfica da obra “Gabriela, cravo e canela” que revela apropriação da cultura negra ao apresentar ao leitor enredo que traz personagens transgressoras, como Gabriela, Malvina e Sinhazinha – representadas de forma sensual - contradizendo todos os princípios da época em que a trama se passa.

A despeito da existência de mais de uma personagem com essa característica, esta análise tem como foco principal a protagonista Gabriela. O interesse pela temática em questão surgiu a partir da leitura da referida obra literária que despertou atenção para a questão do negro e de como este é representado a partir da mulata Gabriela, concebida como mulher para fornicar.

Por muito tempo, a mulher foi sujeitada a uma cultura machista e racista, onde a figura feminina tinha um papel definido na sociedade - sobretudo as mulheres negras - pois elas só tinham o direito de servir aos brancos.

Na obra analisada, Jorge Amado retrata essa sociedade e reconstrói papéis femininos, como a submissão aos valores da época, apresentando a mulher como sendo sempre bem habilidosa, de família, mas reprimida e sujeita à obediência ao pai ou ao marido.

Desta maneira, o conservadorismo e o tradicionalismo social e político prevaleciam naquela época e a figura feminina era colocada em um plano inferior ao do homem. Os coronéis detinham o poder sobre elas, que eram representadas como raparigas, prostitutas e donas de casa. Segundo Patrício (1999, p. 25-34),

[...] rapariga pode ser uma jovem trazida da roça ou uma ex prostituta, que passa a ser a ‘protegida’ de um determinado coronel, com direito a casa posta, conta aberta nas lojas e uma empregada para os serviços domésticos e para lhe servir de companhia. [...] prostituta é a mulher que vende seus serviços sexuais a homens indistintos, em ambientes determinados, a exemplo do Bataclan, casa de prostituição de luxo dirigida por Maria

Machadão. [...] mulher 'de família', conforme salientado, é gerar e criar filhos. Cuidar de filhos é uma das formas de reter a mulher em casa, na vida doméstica, mantendo-a ocupada e 'livre das tentações'.

Diante disso, cada uma dessas mulheres tinha um papel definido nesta sociedade, raparigas e prostitutas eram apenas para servir aos homens sexualmente. No entanto, as donas de casa eram respeitadas por toda a sociedade e mantidas no ambiente doméstico como donas do lar, cuidando dos filhos e orientando as mucamas, mas sempre subordinadas ao homem.

Esta condição, que era atribuída às mulheres geralmente brancas, revela o machismo que vigorava naquela época e que foi bem retratada, na obra literária analisada, pela dominação masculina.

Em contrapartida, a mulata Gabriela é simbolizada por uma beleza exótica, uma mulher livre que, a despeito das imposições à figura feminina em seu contexto de vivência, praticava coisas proibidas pela sociedade e, com cheiro de cravo e cor de canela, era desejada por onde passava, rompendo com todo o tradicionalismo que impunha à mulher obediência ao homem.

Por muito tempo, a mulher foi submissa ao poder masculino, ocupando apenas o espaço doméstico, e a mulher negra lutou para ocupar seu lugar na sociedade com a intenção de combater todo o preconceito e o racismo existentes.

Os negros, naquela época, eram submetidos a trabalhos escravos, foram acorrentados, torturados até a morte e muitos não aguentaram e fugiram, formando quilombos e rebeliões para ocuparem seu lugar na sociedade.

Para a consecução desta pesquisa, foram utilizados, como referencial teórico, textos de Amado (1959/2008); Algranti (1993); Bernd (1988); Del Priori (2003); Freyre (1900), Hall (2009/2011); Munanga (1998); Ribeiro (1995); Patrício (1999) e outros que contribuíram para a realização deste trabalho que se divide em três capítulos, distribuídos da seguinte maneira:

Na primeira Seção, intitulada "Representação da mulher mulata Gabriela na obra literária "Gabriela, Cravo e Canela", de Jorge Amado, aborda-se a representação da mulher mulata numa sociedade machista e preconceituosa a partir da análise da protagonista Gabriela.

A segunda seção, "A construção de valores em uma sociedade machista e preconceituosa: a literatura afro-brasileira", trata da construção dos valores na sociedade daquela época bem como sobre a literatura afro-brasileira.

Na terceira seção, “A importância da mulher negra na construção de sua identidade como sujeito de sua própria história”, fala-se sobre a visão de negro que se tinha naquela sociedade bem como as lutas travadas pela mulher negra em função do reconhecimento de si como sujeito principal no processo de construção de sua história.

Por fim, são tecidas as considerações finais a partir da análise realizada e apresentadas as referências bibliográficas consultadas e que tiveram significativa contribuição para a realização deste trabalho monográfico.

## 2 A CONSTRUÇÃO DE VALORES EM UMA SOCIEDADE MACHISTA E PRECONCEITUOSA: A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

### 2.1 LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

A identidade do negro vem se construindo com passar do tempo a partir de muitas lutas e vitórias e vem ocupando seu espaço perante uma sociedade preconceituosa e racista.

Quando falamos em negro, a literatura afro-brasileira se apresenta como espaço capaz de promover a desmistificação das ideias estereotipadas sobre este, sua cultura, religião e tradições, construindo sua identidade e fomentando o orgulho de sua origem por parte desse público.

Sendo assim, a literatura afro-brasileira não fomenta apenas a discussão sobre raça e cor, mas possibilita ao negro assumir sua posição enquanto sujeito histórico, possibilitando-o, também, a reivindicação de seu espaço na sociedade. Nesta acepção,

[...] A literatura negra não é só uma questão de cor de pele, é uma questão de mergulho em determinados sentimentos de nacionalidade enraizada na própria história do Africano no Brasil e sua descendência, trazendo um lado do Brasil que é camuflado [...] acho também que não há literatura negra sem literatura (CUTI, 2010, p.6 apud SOUZA 2006, p. 109).

A literatura afro-brasileira abarca a história do negro dando-lhe um novo sentido, mesmo que esta esteja em processo de construção, passando por momentos de realizações e descobertas, ampliando, assim, o seu *corpus*, tanto na prosa quanto na poesia, mas tudo em prol da sua consolidação enquanto campo específico de produção literária.

Duarte (2008, p. 111) chama atenção para a pergunta que surge de forma perversa na academia querendo negar a existência da literatura afro-brasileira, indagando se, de fato, a “literatura afro-brasileira existe?” que afirma, de forma implícita, que essa vertente literária não existe, constituindo uma maneira perversa e de certa forma silenciando a voz de vários autores, como Luiz da Gama, Lima Barreto e Carolina Maria de Jesus.

A resposta que se pode dar a essa pergunta é que a literatura afro-brasileira existe, constituindo uma literatura contemporânea que faz parte da nossa constituição

enquanto povo. Desta maneira, “[...] Essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa” (DUARTE, 2008, p.11).

A escrita da literatura afro-brasileira apresenta cinco critérios que a fazem percebê-la como tal, conforme aponta Duarte (2008) : temática; autoria, ponto de vista, a linguagem e o público.

A temática está veiculada à história de lutas, denúncias e reivindicações, tendo como a principal foco o negro. Ianni (2011, p.184) diz que “o negro é o tema principal da literatura negra”, ela vê o sujeito afro-descendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”.

A temática negra envolve as tradições culturais do Brasil, ressaltando a riqueza dos mitos, lendas e todo circunscrito que muitas vezes não foi registrado e que existente apenas no imaginário das pessoas. Sobre a imagem do negro em alguns textos literário, pode-se contatar que:

Uma análise mais cuidadosa de alguns textos modernistas considerados transgressores demonstra que, mesmo em alguns deles, o negro é muitas vezes representado a partir de atributos que reforçam a visão preconceituosa da sociedade. Ao tentarem reverter as práticas racistas disseminadas na sociedade, muitos textos ratificam a folclorização do negro ou o apreendem enquanto indivíduo imbecilizado, aprisionando-o em imagens que o mantem a margem do processo de evolução social (FIGUEREDO e FONSECA, 2002, p.193).

A linguagem presente nesses textos em que o negro aparece como objeto e não como sujeito do discurso acaba por reforçar o preconceito existente. Não deixando de perceber a importância da linguagem para diferenciar a cultura presente em um texto literário, Bernd (1988) salienta uma nova ótica simbólica metaforizando que tudo que está associado à cor negra, remetemos logo a algo do mal.

A autora cita o exemplo do preto, do escuro, relacionando ao pecado, ao contrário do branco é tudo de bom. O negro é sempre representado, a partir de estereótipos grosseiros como objeto de força física, avantajados sexualmente, como objeto e não como sujeito, o que acaba por reforçar cada vez mais o racismo.

Segundo Munanga (1988, p.17),

Assim qualquer negro vive a mesma existência miserável: suas casas não têm moveis nem conforto, sua alimentação é grosseira, os homens são preguiçosos e as mulheres debochadas. Na escala da sociedade humanas,

os negros ocupam a mesma posição que o lapão e o samoiedo. São, como eles, rudes, supersticiosos e estúpidos.

O negro sempre foi inferiorizado, fazendo com que o racismo e o preconceito tomassem contornos de diversas maneiras. Neste sentido, o negro é sempre o feiticeiro, o que não pensava, o ladrão, desconhecendo seus valores e, neste sentido, o trabalho da literatura afro-brasileira é de valorização do negro, retirando toda a negatividade que lhe é atribuída e que persiste na sociedade.

Não se pode esquecer que a literatura afro-brasileira desempenha papel importante no processo de reconhecimento do negro como sujeito agente da construção de sua própria história, fazendo-o valorizar a si mesmo, tomando posse de sua identidade, de sua cultura e tradições para que seja reforçada a luta e que não mais seja visto de forma perversa, marginalizada e sendo impedido de ser reconhecido. Sobre isso, Gomes aponta que:

A utilização do termo negro pelo movimento negro tem um sentido de dar uma ressignificação ao papel do negro na construção do processo histórico. Intenciona não mais o negro a uma definição carregada de preconceito ou a simples questão de cor de pele [...], mas remetê-lo a uma origem racial, valorizando os atributos físicos e culturais (GOMES, 1995, 46).

Desta maneira, o negro passa a reconhecer sua verdadeira história e circunscrevê-la por meio, também, da literatura afro-brasileira, fato que lhe permite, ou pelo menos contribui, para romper com as desigualdades estabelecidas pela sociedade preconceituosa que vê o negro como objeto e não como sujeito de sua própria história. Consoante a essa questão,

(...) ao assumirem essa nomeação, conscientemente, pode ser interpretado como um sinal de que o negro está querendo criar a si mesmo e que uma das etapas desse processo seria justamente a de particularizar sua escrita, dando-lhe feição própria (BERND, 1988, p. 21).

Quando o negro é visto como sujeito do discurso, ele é valorizado, desconstruindo a imagem negativa que lhe foi atribuída e mesmo que seu passado não possa ser apagado, como no caso da escravidão, que seja reescrito de maneira heroica de modo que o negro seja reconhecido como escritor de sua própria história. Assim,

Em literatura negra, a opção do poeta de ser negro com os negros projeta um desequilíbrio na estrutura do discurso poético. Essa atitude do poeta de

colocar-se em uma posição marginal junto com os grupos marginalizados cuja voz quer tornar audível tornar-se tão ameaçadora quanto a de um dimaniterio ao utilizar o diamante para fazer voar pelos ares determinado alvo (BERND, 1988, p. 41).

Nesta acepção, a literatura negra é caracterizada por transformar o negro humilhado em herói, reivindicando seu espaço e sua representação na vida social, assumindo-se como negro e convocando toda a sociedade a lutar contra a desigualdade racial que as tradições impuseram.

## 2.2 IDENTIDADES TRANSGRESSORAS: MALVINA E SINHAZINHA

Em se tratando da falta de valorização do negro, não se pode esquecer, também, da mulher negra, que teve sua identidade ocultada. O escritor Jorge Amado, ao escrever o romance “Gabriela, cravo e canela” (2008), apresenta a mulher negra sendo submetida aos caprichos machistas.

A cidade de Ilhéus foi construída a partir de um passado tradicional e preconceituoso, onde prevalecia a moral e os bons costumes. Na “terra de jagunços” não existiam leis brasileiras, apenas as dos coronéis, a exemplo do Coronel Ramiro Bastos - homem tradicional e autoritário:

Tudo isso é resultado da degeneração dos costumes que começa a imperar em nossa terra: bailes e tardes dançantes, festinhas em toda a parte, namorinhos na escuridão dos cinemas. O cinema ensinando como enganar os maridos, uma degradação (AMADO, 2008, p. 113)

O progresso estava chegando aos poucos em Ilhéus, mas não para todos. De um lado, ainda existia a vida patriarcal dos coronéis:

Muita coisa recordava ainda o velho Ilhéus de antes. Não o do tempo do engenho, das pobres plantações de café, dos senhores nobres, dos negros escravos, de casa ilustre dos Ávilas. Desse passado remoto sobravam apenas vagas lembranças, só mesmo o Doutor se preocupava com ele. Eram os aspectos de um passado recente, do tempo das grandes lutas pela conquista de terra (AMADO, 2008, p. 25).

Com a chegada de Mundinho Falcão, exportador de cacau, homem bem-sucedido financeiramente, agrega-se um novo olhar sobre a cidade cacauzeira, que antes não existia:

- Mundinho Falcão chegou aqui outro dia, como diz Amâncio. E veja quanta coisa já realizou: abriu a avenida na praia, ninguém acreditava, foi um negócio de primeira, e, para a cidade, uma beleza. Trouxe os primeiros caminhões, sem ele não saía o *Diário de Ilhéus* nem o clube progresso (AMADO 2008, p. 31).

A cidade de Ilhéus passava por conflitos sociais e políticos em 1925, data em que foi ambientado o romance “Gabriela, cravo e canela”. As pessoas eram sujeitadas a seguirem um passado que não poderia mais existir, permeado pelo cerceamento de liberdades, sobretudo femininas, e pela rigidez de leis criadas pelos coronéis, sem opção de contestá-las.

Segundo constata Bezerra Filho:

O modernismo dos anos 1920 e 1930 processou os primeiros passos da industrialização do país. O ambiente de prospecção tecnológicas animou as práticas sociais e culturais. Tempos e espaços foram redimensionados, bondes de automóveis circulavam por um novo traçado urbano, imprensa lançava jornais e revista cada vez mais arrojados, e para a canção popular surge o rádio como importante aliado (BEZERRA FILHO, 2011, p. 79).

O autor salienta que o Brasil estava em um processo de transformação para a modernidade, com o advento da industrialização, mudando os traços e os hábitos da população, novas ruas iam surgindo, cafés, bares, cabarés, casas, etc., rompendo com todas as estruturas do passado.

A identidade da protagonista Gabriela é construída nessa época em que um novo mundo estava se erguendo. De acordo com Hall (2011, p. 7),

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “ crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Quando o autor se refere à “crise da identidade”, faz menção às mudanças que ocorreram e que ainda ocorrem na sociedade. Nesse contexto de mudança, novas identidades vão surgindo, afrontando velhas identidades, como o machismo e um indivíduo isolado não poderia fazer história, nesse caso, a mulher.

No que diz respeito à identidade, Jorge Amado constrói a identidade da Bahia em torno da protagonista Gabriela descrevendo-a com traços da cultura popular das

quais ela não conseguia se desprender, uma identidade nacional da mulher mestiça, sensual, festeira, alegre e generosa. Hall (2009, p. 322) argumenta que:

A cultura popular carrega essa ressonância afirmativa por causa do peso da palavra 'popular'. E, em certo sentido, a cultura popular tem sempre sua base em experiências, prazeres, memórias e tradições do povo. Ela tem ligação com as esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns. Daí ela se liga àquilo que Bakhtin chama de 'vulgar' -, o popular, o informal, o lado inferior, o grotesco – eis porque sempre foi contraposta, à alta cultura ou cultura de elite e é, portanto, um local de tradições alternativas, sendo esse o motivo pela qual a tradição dominante sempre suspeitou profundamente a seu respeito, e com razão.

Nacib dizia que ia educar Gabriela, fazer com que ela se desprendesse de sua cultura de ir ao circo, dançar no terno de reis, andar de chinelo, vestido de chita, etc. A cultura popular, como o autor se refere ao “vulgar”, só a classe baixa poderia fazer parte.

Como Gabriela havia se casado e adquirido um sobrenome de senhora Saad, ela não poderia frequentar locais que não faziam parte da nata social porque tudo o que era popular deveria ser excluído da sociedade.

Nacib era dono do bar Vesúvio, onde frequentavam a maioria dos homens de Ilhéus. Era um homem ambicioso, pois queria juntar dinheiro para comprar uma roça de cacau. Ao se casar com Gabriela, tinha medo de perdê-la para os coronéis, achando que ela seria feliz, uma vez que naquele contexto social a felicidade da mulher era o casamento. Mas, tudo não passou de uma ilusão para Nacib, pois Gabriela andava triste, não podia fazer as coisas de que gostava, era-lhe proibida a sua liberdade. Para ela, casamento era uma prisão, mas não era a única mulher que pensava em ser livre, de construir seu próprio futuro fora do matrimônio.

A jovem Malvina, filha do coronel Melk Tavares, era diferente das outras meninas e não aceitava a imposição a que as mulheres eram submetidas na sociedade. Desta maneira, suas ideias ultrapassava a mentalidade reducionista daquele tempo, uma vez que não aceitava a vida que sua mãe levava, a infidelidade de seu pai, um homem bruto e moldado aos moldes patriarcais.

A respeito de Malvina:

Dera-se conta da vida das senhoras casadas, igual à da mãe. Sujeitas ao dono. Pior do que freira. Malvina jurava para si mesma que jamais, jamais, nunca jamais se deixaria prender. [...] Marido trazido, escolhido pelo pai, ou

noivo mandado pelo destino, era igual. Depois de casada, não fazia diferença. Era o dono, o senhor, a ditar as leis, a ser obedecido. Para eles os direitos, para elas o dever, o respeito (AMADO, 2008, p. 243).

Malvina queria estudar faculdade, trabalhar, coisas que as mulheres de sua época não poderiam fazer e não pensava em se casar a não ser por amor não arranjado pelo pai. Ramos (1975, p. 50) diz que:

Quaisquer atividades não circunscritas ao domínio doméstico ou religioso são cuidadosamente controladas ou rechaçadas pelos homens do grupo conservador. Há uma minoria masculina que não concordava com esse conceito. Mas não conseguia fazer frente ao grupo dominante, cuja posição conta com o endosso da maioria das mulheres 'de família'. Malvina rejeita essa realidade e, por isso, toma atitudes que causa estranhamento.

Malvina queria ter suas próprias ideias aceitas e ansiava pela liberdade de poder trabalhar fora do lar e estudar, mas Ilhéus era uma cidade atrasada, onde somente o homem poderia ter uma profissão, frequentar bares, e a mulher só poderia andar na rua na companhia do marido porque sozinha poderia ir apenas para a igreja, sua única diversão.

Malvina namorou com o engenheiro Rômulo, que era casado, e seu pai a mandou para um internato na Bahia, mas ela fugiu para São Paulo onde estava trabalhando e estudando. Malvina é o exemplo do feminismo, de que a mulher teria quer ir à luta para conseguir seu lugar na sociedade e Jorge Amado circunscreve nessa personagem o modelo de mulher batalhadora, que não aceita a imposição de valores patriarcais impostos às mulheres daquela época, que eram designadas apenas ao espaço familiar, a cuidar da casa e dos filhos e não ter a uma vida social e independente.

A identidade da mulher da época de Gabriela era reservada, ocupando papéis diferentes, as jovens estudavam no colégio de freiras, para aprenderem a costurar, cozinhar, se preparar para o casamento, obedecer ao marido e cuidar dos filhos.

As solteironas eram mulheres que não conseguiram casamento, constituindo as virgens e guardiãs da vida moral e dos bons costumes, servindo apenas à igreja.

As raparigas eram mulheres protegidas dos coronéis que lhes colocavam numa casa à disposição deles e as prostitutas eram mulheres que vendiam seus serviços. Nesse contexto, homens, coronéis, comerciantes, donos de bares, advogados, etc., eram respeitados dentro e fora da vida social e tinham o direito de trair, frequentando cabarés, festas e não sendo penalizados.

Ramiro Bastos, o velho coronel da cidade, era o símbolo em questão:

Ele compreendia, aceitava os cabarés, as casas de mulheres da vida, a orgia desenfreada das noites de Ilhéus. Os homens precisavam daquilo, ele também fora jovem. O que não entendia era clube para rapazes e moças conversarem até altas horas, dançarem essas tais danças modernas, onde até mulheres casadas iam rodopiar em outros braços que não os de seus maridos, uma indecência! Mulher é para viver dentro de casa, cuidando dos filhos e do lar. Moça solteira é para esperar marido, sabendo coser, tocar piano, dirigir a cozinha (AMADO, 2008, p. 74).

Para algumas famílias, a vida social não era somente para ser vivida pelo homem e algumas jovens frequentavam clubes feito por Mundinho Falcão, mas o preconceito e o machismo ainda existiam, principalmente quando havia adultério cometido pela mulher, pois a honra do marido tinha de ser lavada com sangue para que a cidade não debochasse do fato. Estes eram costumes que existiam naquela época.

Jorge Amado também coloca na cena literária de sua obra, aqui analisada, uma personagem que era um exemplo para a sociedade ilheense. Uma mulher respeitável, elegante, devota. Sinhazinha era esposa do coronel Jesuíno, um homem bruto que a fazia infeliz, fato que a incentivou a encontrar a felicidade em seu amante, o dentista Dr. Osmundo Pimentel, morto pelo coronel ao encontrá-lo na cama com Sinhazinha.

Em caso de adultério, limpar a honra com sangue fazia parte das leis criadas pelos coronéis, mas que não eram registradas no papel, constituindo punição tanto para a mulher adúltera quanto para o amante. Tal prática configurava algo natural para a cidade de Ilhéus. Acerca disso:

Não se conhecia outra lei para traição de esposa além de morte violenta. Lei antiga, vinha dos primeiros tempos do cacau, não estava no papel, não constava no código, era, no entanto, a mais válida das leis e o júri, reunido para decidir da sorte do matador, a confirmava unanimemente, cada vez, como a impô-la sobre a lei escrita mandando condenar quem matava seu semelhante (AMADO 2008, p. 107).

Sinhazinha era uma personagem transgressora, que violava os costumes da época, e que não era feliz com o Marido. Procurou a felicidade em outro homem, desconstruindo uma tradição que, por consequência, custou sua morte e a de seu amante. “As transgressões consumadas são sumariamente punidas como forma de manter os valores tradicionais e resguardar o poder masculino” (RAMOS, 1975, p. 55).

Primeiro, sinhazinha sai de seu lar, sozinha, ao encontro do amante, violando a regra de que nenhuma mulher poderia sair de casa sem a companhia do marido, a não ser para a igreja. Outra transgressão realizada por sinhazinha é a traição, prática inaceitável por aquela sociedade, rompendo com todo o tradicionalismo e visão da mulher perfeita.

### 2.3 GABRIELA, UM PÁSSARO PRESO

O casamento entre filhos de fazendeiros era umas das tradições que as famílias tradicionais de Ilhéus deveriam seguir. A vida de casada resumia-se, para a mulher, em dedicar-se ao marido, à casa e aos filhos.

Era de grande importância para a sociedade quando uma mulher se casava com jovens, filhos de fazendeiros de cacau, estabelecendo, com isso, um acordo entre as famílias que objetivavam, também, o recebimento de dotes advindos desses acordos matrimoniais.

Quando as mulheres não se casavam, tornavam-se devotas da igreja, como no exemplo das irmãs dos Reis, Quinquina e Florzinha, doceiras que viviam fofocando sobre a vida alheia, mas sempre com o propósito de conservar a moral e os bons costumes da cidade de Ilhéus.

O casamento era arranjado, sem amor e a mulher não tinha o direito de escolher seu companheiro, apenas obedecia ao pai e a mãe concordava com a escolha do marido. Porém, para que a união ocorresse, a moça teria que ser virgem, habilidosa, com dotes e oriunda de família respeitada por toda a sociedade.

Após se casarem, as mulheres eram aprisionadas em casa, a cuidar dos filhos, sujeitadas aos caprichos machistas de seus cônjuges, podendo frequentar apenas a igreja, desde que na companhia do marido.

No caso de Gabriela, essas regras foram quebradas, pois era uma mulher que gostava de liberdade. Para ela, o casamento não lhe importava, queria viver sua liberdade, fazendo as coisas das quais gostava sem se preocupar com o que pensavam as demais pessoas. Mas Nacib não pensava assim. No início, era uma diversão ter Gabriela como amante, até se apaixonar e a querer para si como propriedade.

Gabriela não se importava em ser apenas amante, gostava de cuidar da casa e o casamento seria uma prisão para ela que era uma mulher de muitas habilidades.

Já havia se deitado com outros homens além de Nacib, mesmo sem se casar, não dispunha de dotes, era apenas uma cozinheira, fato que não importou a Nacib que, com medo de perdê-la, pediu-lhe em casamento mesmo sabendo que seria julgado pela sociedade ao selar esse matrimônio.

O ciúme foi inevitável e ele começou a proibi-la de ir ao bar, coisa que mulher respeitada não poderia fazer naquele tempo e comprou um pássaro sofrê para Gabriela para que ela ocupasse o tempo em casa com os cuidados do animal:

Apareceu no bar um roceiro vendendo pássaro. Numa gaiola um sofrê partia um canto triste e mavioso. Belo e inquieto, em negro e amarelo, não parava um instante. Seu trinado crescia, era doce de ouvir. Chico Moleza e Bico-Fino extasiavam-se. Uma coisa era certa, ia fazer. Acabar com as vindas de Gabriela, ao meio-dia. Prejuízo pro bar? Paciência... Perder dinheiro pior seria perdê-la. Era uma tentação diária para os homens, presença embriagadora. Como não querê-la, não desejá-la, não suspirar por ela, depois de vê-la? [...] O sofrê parecia cantar para ele, tão triste era o canto. Porque não o levaria para Gabriela? Agora proibida de ir ao bar, necessitava de distrações. Comprou o sofrê. (AMADO, 2009, p. 223-224).

Intencionalmente, a compra do sofrê era para manter Gabriela em casa como viviam as mulheres da cidade de Ilhéus. Elas não tinham o direito de viver uma vida social independente, só poderiam sair, às vezes, sozinha, para irem à igreja. Deste modo, quando Nacib ficou noivo de Gabriela, mesmo já tendo relações sexuais com ela, mandou-lhe para casa de Dona Arminda para que a sociedade a respeitasse como mulher de família prestes a se casar com um comerciante dono de bar.

O sofrê estava triste, preso em uma gaiola, e assim foi com Gabriela quando Nacib a proibiu de ir ao bar e de fazer outras coisas das quais gostava. Desta maneira, Gabriela vivia infeliz, sem sorrir, sempre de cabeça baixa.

O sofrê vivia triste, assim também era Gabriela, como pode ser observado numa passagem do livro de Jorge Amado quando o escritor diz que “o sofrê rompia o peito, canto de rasgar o coração. Tão triste os olhos de Gabriela” (AMADO, 2008, p. 225).

Gabriela, no início do casamento, como todas as mulheres de Ilhéus, deveria obedecer ao marido, mas percebeu que tudo que lhe foi proibido constituía o que ela mais gostava de fazer. Para Gabriela, bastava viver para ser feliz, mas isso não dava a Nacib o direito de proibi-la de fazer o que gostava, como dançar, sorrir, brincar, etc:

Tão bom ir ao bar, passar entre os homens. A vida era boa, bastava viver. Quentar-se ao sol, toma banho frio. Mastigar as goiabas, comer manga espada, pimenta morder. Nas ruas andar, cantigas cantar, com um moço

dormir. Com outro moço sonhar. [...] Só que não poderia ficar sem sair de casa, sem ir à janela, sem andar na rua. De boca fechada de riso apagado. Sem ouvir voz de homem, e respiração ofegante, o clarão dos seus olhos. “Peça não, seu Nacib, não posso fazer” (AMADO, p. 2008-227).

Mesmo sendo proibida de sair à rua sem a companhia de seu esposo Nacib, Jorge Amado insere Gabriela na trama de sua obra como uma mulher que quebra todo esse padrão de submissão da mulher ao seu cônjuge.

Ela fugia pela janela para ir ao ensaio do terno de reis e nem mesmo o casamento a reprimia de fazer algumas coisas. A relação de traição entre Gabriela e o amigo de Nacib – Tônico Bastos - que pertencia a uma das famílias mais importantes da cidade de Ilhéus, trouxe-lhe a liberdade, uma vez que seu casamento era como uma prisão que a reprimia de fazer o que ela mais gostava.

Quando ganhou o sofrê de presente, sentiu-se como ele, preso e triste, mas, depois lhe que foi concedida a liberdade, o sofrê cantou e Gabriela, com isso, sorriu. “Foi para o quintal, abriu a gaiola em frente à goiabeira. O gato dormia. Voou o sofrê, num galho pousou, para ela cantou. Que trinado mais claro e mais alegre! Gabriela sorriu” (AMADO, 2008, p.27).

Mulheres da época de Gabriela nada poderiam fazer sem a companhia do esposo e com tudo deveriam concordar, principalmente as mulheres jovens, pois tinham que respeitar a si mesmas para poderem conseguir um bom casamento.

Gabriela não se importava com o que a sociedade exigia em se tratando de matrimônio. Para se tornar uma mulher de respeito, o que ela queria era viver sua liberdade sem ter que dar satisfação para a sociedade

### 3 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MULATA NA OBRA LITERÁRIA “GABRIELA, CRAVO E CANELA” DE JORGE AMADO

#### 3.1 MULATA PARA FORNICAR

A representação da mulher na época do conservadorismo e tradicionalismo era de uma figura subserviente, designada para servir aos homens, submissa ao pai e, depois, ao marido, como mãe de seus filhos, a cuidar da casa e da família ou como rapariga e prostituta, servindo sexualmente.

As mulheres negras eram sempre representadas como serviçais e cozinheiras a serviço dos patrões brancos, sendo, por muitas vezes, abusadas sexualmente para satisfazerem aos desejos dos coronéis. A mulher, nesta época, não tinha valor perante a sociedade, não detinha direitos e não podia protestá-los reagindo ao domínio masculino que lhe era imposto.

No livro analisado, “Gabriela, cravo e canela” (2008), do escritor baiano Jorge Amado, a protagonista Gabriela é descrita na obra como sendo uma mulata padronizada, com cheiro de cravo e cor de canela que foi encontrada no mercado de escravos por Nacib – seu futuro marido - que procurava por uma cozinheira. Sua beleza é escondida por trás da terra do sertão, a mulata sertaneja, vindo para Ilhéus à procura de uma vida melhor, rompia com todos os valores que existiam naquela época, em Ilhéus:

Um rasgão na saia mostrava pedaço de coxa cor de canela, os seios subiam e desciam levemente ao ritmo do sono, o rosto sorridente. - Meu deus! - Nacib ficou pardo sem acreditar. A espiá-la um espanto sem limite com tanta boniteza se escondera com sobre a poeira do caminho? Caída o braço roliço, o rosto moreno sorrindo no sono, ali, adormecia na cadeira, parecia um quadro. Quantos anos teria? Corpo de mulher, feição de menina (AMADO, 1959, p. 144).

A beleza da mulata era representada por sua sensualidade e simplicidade, rompendo com todo o tradicionalismo existente em Ilhéus, cidade que estava em fase de progresso com a colheita do cacau, pois “a cultura do cacau dominava todo o sul do estado da Bahia, não havia lavoura mais lucrativa, as fortunas cresciam, crescia Ilhéus, capital do cacau” (AMADO, 2008, p. 24).

Às mulheres, em geral, eram sempre atribuídos papéis inferiores aos dos homens, como ser dona de casa, cuidar dos filhos, do lar e não tinham direito de

protestar. Quanto às mulatas e negras, serviam apenas para colocar a mesa e a cama, sem nenhum compromisso de matrimônio.

A protagonista Gabriela, por ser uma mulata, era sempre vista pela sociedade como inferior às outras mulheres. Andava com os pés descalços, roupas que sensualizavam, era doce, gentil e vivia sempre sorrindo. Por onde passava, despertava a atenção dos homens como objeto de desejo para a exploração do corpo e satisfação masculina.

Gabriela, conforme AMADO (2008, p. 134), era uma mulata padronizada, que cheirava a cravo e que tinha olhar cor de canela, de corpo caloroso e envolvente, sendo, por isso, muito cobiçada e disputada pelo público masculino da cidade de Ilhéus. “O perfume de cravo enchia o quarto, um calor vinha do corpo de Gabriela, envolvia Nacib, queimava-lhe a pele, o luar morria na cama. Num sussurro entre beijos, a voz de Gabriela agonizava: – Moço bonito...”

A mulher daquela época deitava-se apenas com seu futuro esposo e para se casar tinha que ser virgem e somente se entregar ao seu marido com quem iria passar a vida toda. Mas Gabriela era uma mulher que gostava de liberdade, já havia dormido com vários homens, quebrando, com isso, um paradigma construído pela sociedade de sua época.

As senhoras da sociedade eram basicamente mulheres compostas por belos vestidos, joias, sapatos de luxo, ao contrário de Gabriela, que era a cozinheira e que, mesmo depois de se casar, continuou a cozinhar pois seus doces e salgados davam lucro para o bar de Nacib, fato revelador de que a mulher era tratada como uma mercadoria, um bom negócio:

Nunca fizera negócio tão vantajoso como ao contratar Gabriela no “mercado de escravo” quem diria ser ela tão competente cozinheira, quem diria esconder-se sob trapos sujos tanta graça e formosura, corpo tão quente, braços de carinho, perfume de cravo a tontear? (AMADO, 2008, p. 183).

Assim era vista a mulher mulata não apenas como uma mercadoria, mas como um objeto que satisfazia aos desejos e prazeres dos homens. Não era tida como senhora delicada, mesmo que fosse prendada e não servia para ser mãe de família, nem para casar, apenas para fornicar. Se não tivesse dons culinários, além de ser moça donzela de uma família com dotes a oferecer ao suposto marido, para expor à sociedade, não poderia representá-la:

Mas como casar com Gabriela, cozinheira, mulata, sem família, sem cabaço, encontrada no 'mercado de escravos'? Casamento era com senhorita prendada, de família conhecida, de enxoval preparado, de boa educação, de recatada virgindade. O que diria seu tio, sua tia tão metida a sebo, sua irmã, seu cunhado engenheiro-agrônomo de boa família? (AMADO, 2008, p. 223).

O estereótipo da mulher mulata, a despeito de uma beleza exuberante, corpo padronizado, reflete uma imagem do feminino negado por uma sociedade preconceituosa e machista, vivida apenas por padrões postos por uma época onde a cor valia mais do que a dignidade e o caráter.

Gabriela é retratada na obra de Jorge Amado como uma mulher que aspirava por liberdade, resistindo aos padrões vigentes na sociedade de sua época, que vivia uma vida simples, sem ambição e que gostava de dormir com homens antes do matrimônio, não porque era obrigada, mas porque gostava:

- Por gostar de deitar... Clemente na estrada, Nhozinho na roça, Zé do Carmo também. Na cidade bebinho, moço estudante, na casa tão rica! Vinha mansinho, na ponta dos pés com medo da mãe. Primeiro de todos, ela era menina, foi mesmo seu tio. Ela era menina, de noite seu tio, velho e doente (AMADO, 2008, p. 204).

Quebrando um padrão de que deveria se deitar apenas com um homem – seu marido – Gabriela deitava-se com vários outros homens por prazer, por gostar:

A mulher: mãe, esposa, cozinheira/doméstica, ou em outros casos, prostituta. A representação de gênero não se encontra só ao nível do sexo, mas também ao nível de classe e raça: as identidades da mulher branca, da mulher mulata e da mulher preta demonstram as normas idealizadas sobre a feminidade e a relação que essas têm com a cor e a raça. As mulheres de cada categoria de cor, a elas são dadas uma função social: a mulher branca é para se casar, a mulata é para fornicar e a negra é para o trabalho (CALDWELL e SCHMIDT, 2007, sem paginação, apud ANDRADE, 2013, p. 27).

A citação acima descreve os despropósitos a que eram submetidas as mulheres negras e brancas, naquela época. Quando havia adultério, o destino era a morte, como pode ser constatado no exemplo de Sinhazinha, esposa do coronel Jesuíno, que a matou ao flagrá-la na cama com o dentista Osmundo Pimentel. Para ele, a honra se lavava com sangue e como cumprimento deste pensamento, matou a esposa e o amante dela. Em contrapartida, o homem poderia ter outras mulheres além de sua esposa que nada o aconteceria.

A despeito disso, Gabriela casou-se com Nacib e não se acostumou à vida

sem liberdade, longe das coisas das quais gostava de fazer. Desta maneira, andava sempre triste e presa ao casamento, aos costumes que a sociedade lhe impunha, a uma vida social que lhe era limitada. Opôs-se a tudo que não gostava, como manter-se fiel ao marido, frequentar lugares sociais, andar com sapatos de salto alto, vestidos de seda.

Apesar de tudo o que lhe era imposto com tanta exigência, Gabriela não deixava a sua cultura de origem. Gostava de cozinhar, andar com vestidos de chita, pés descalços, ir ao bar - mesmo contra a vontade de Nacib - que a obrigava seguir os padrões existentes naquela sociedade para uma mulher de família.

A simplicidade de Gabriela ia na contramão dos padrões estabelecidos às mulheres casadas e pretendiam servir o matrimônio:

Estava contente com o que possuía, os vestidos de chita, as chinelas, os brincos, o broche, uma pulseira, dos sapatos não gostava, apertavam-lhe os pés. Contenta com o quintal, a cozinha, e seu fogão, o quartinho onde dormia, a alegria cotidiana do bar com aqueles moços bonitos – o professor Josué, seu Tônico, seu Ari - e aqueles homens delicados – seu Felipe, o doutor, o capitão – contenta com o negrinho Tuísca seu amigo, com o gato conquistado ao morro (AMADO, 2008, p. 203),

A repressão à mulher, movimentada pela imposição de valores da época em que o matrimônio era obrigatório e de grande importância para a vida social, não foi suficiente para domar uma Gabriela de espírito livre e que rompia com todos os valores machistas que viam a mulher como submissa ao marido.

### 3.2 MULATA E GABRIELA

A temática negra envolve as tradições culturais intrínsecas ao Brasil, com sua riqueza de mitos, lendas e todo capital cultural que, por força de muitos motivos, não foi registrado e existe apenas no imaginário social.

Seguindo por esta vertente, Bernd (1998) salienta uma nova ótica simbólica metaforizando que tudo que está associado à cor negra remetemos logo a algo do mal. A pesquisadora cita o exemplo do preto e do escuro que são relacionados ao pecado como se a cor levasse os demais seres a ter desejo a pecar.

Na obra “Gabriela, cravo e canela”, a protagonista Gabriela atrai os homens pela sua cor e cheiro de canela, no sentido de comida, algo comestível. Metáforas gastronômicas estão presentes na referida obra literária a partir da representação da

protagonista “Comida é a melhor prostituta, adultério ou amante, portanto marginal à família, do casamento, a sociedade. É uma metáfora que exprime a imagem da mulher reificando como objeto sexualmente desfrutável pelo homem” (PATRICIO, 1999, p. 89).

No romance aqui analisado, Jorge Amado faz menção ao passado da cidade de Ilhéus ao citar a plantação de cacau e um período de progresso. Uma dentre as referências citadas está a descrição de quando Gabriela é encontrada no mercado de escravos, mesmo depois da abolição.

Gabriela é construída a partir de elementos que remetem ao passado histórico do negro. O estereótipo da mulher mulata, atraída pela sensualidade, idealizada pelos homens revelam que a raça e a cor determinavam o ser negro na sociedade marcada pelo racismo. Sobre essa questão, Ribeiro (1995, p. 225) argumenta que:

A característica distinta do racismo brasileiro é que ele não incide sobre a origem racial das pessoas, mas sobre a cor de sua pele. Nessa escala o negro é o negro retinto, o mulato já é o pardo e como tal meio branco, e se a pele é um pouco mais clara, já passa a incorporar a comunidade branca. Acresce que aqui se registra, também uma braquiação puramente social ou cultura.

Desta maneira, raça e cultura são referentes para a sociedade, fazendo com que a posição da protagonista da obra de Jorge Amado tenha uma vida simples, recusando a valores que lhes eram impostos. O seguinte excerto da obra trata sobre essa questão:

- Era capaz de ter de calçar sapatos todo dia... Gosto não.. De calçar sapatos. De casar com seu Nacib, era até capaz de gostar. Ficar a vida toda cozinhando para ele, agudando ele. . .  
– Sorria, ronronava para o gato, tocava-lhe o nariz molhado e rio. – Mas qual, seu Nacib tem mais que fazer. Não vai querer casar com uma qualquer como eu, que ele encontrou perdida (AMADO, 2008, p. 202).

Neste excerto, percebe-se a postura de Gabriela ao dizer que era uma qualquer, uma perdida, que ela não servia para casar, apenas para ficar em segundo plano, como amante e cozinheira.

A história da raça negra faz com que a protagonista tenha uma vida inferior à das outras mulheres, seja estereotipada por sua beleza, sensualidade, simplicidade, alegria, exótica sem uma vida matrimonial. A felicidade não estava na vida conjugal e mesmo tendo um passado permeado por vários casos amorosos, sua vida sexual era

ativa. Conforme informação do Geledés – Instituto da Mulher Negra (2013, p. 10), presente no *Guia de Enfrentamento ao Racismo Institucional*:

**Mulata** – Palavra de origem espanhola, feminina de “mulato”, “mulo” (animal híbrido, resultado do cruzamento de cavalo com jumenta ou jumento com égua). As palavras “mulato” e “mulata” foram usadas de forma pejorativa para os filhos mestiços das escravas que coabitaram com os seus senhores brancos e deles tiveram filhos

Diante desta assertiva, fica claro porque a protagonista não engravidava. A palavra “mulata” tem origem na palavra “mula”, ou seja, animal que não engravida, é estéril. Gabriela era uma mulata, moça de grande vitalidade, que reunia grandes características do biótipo nortista do interior, sendo retirante fugida da seca, animada, disposta, bonita e que por onde passava chamava atenção dos homens. Manteve relações sexuais com muitos homens, inclusive mesmo com seu tio, que foi o responsável por lhe tirar a virgindade.

No tempo do tradicionalismo, somente as mulheres brancas eram dignas de ter família e as mulheres negras e mulatas eram sempre relegadas ao protagonismo secundário, sendo cozinheiras ou escravas.

Sobre Gabriela:

Gabriela com seu cheiro de cravo e canela que deslumbrou Ilhéus em 1927 e ainda nos deslumbra [...] Gabriela inspiradora das fantasias eróticas dos baianos e todos os brasileiros [...] e Jorge Amado ao levantar o seu universo mítico, essa Bahia que é ao mesmo tempo referência geográfica, realidade social e invenção mágica, criou dezenas de tipos femininos (RAMOS, 1975, p. 101).

A diferença é que a mulher mulata, além de ser escrava, era objeto sexual dos homens, sem nenhum compromisso matrimonial. As mulatas serviam para fornicar e as brancas para casar. Na década de 20, tempo em que o romance Gabriela, “Cravo e canela” se passa, o machismo, o preconceito social e a política eram questões presentes.

Como enfatiza Freyre (2006, p. 367) “A representação literária da mulher negra ainda surge ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo procriação ou corpo objeto de prazer que saciava aos desejos de seu senhor”.

O comportamento da protagonista Gabriela reflete essas questões, como, por exemplo, não querer se casar com Nacib e suas aventuras amorosas sem

compromisso, fato este último que fazia com que a mulata retraísse desse compromisso de se casar:

Seu Nacib era para casar com moça distinta, toda nos "brinquês", calçando sapato, meia de seda, usando perfume. Moça donzela, sem vício de homem. Gabriela servia para cozinhar, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar. Não velho e feio, não por dinheiro, por gostar de deitar (AMADO, 1959, p. 181-182).

Perante a fala da protagonista Gabriela, expressada na citação anterior, percebe-se a mentalidade daquela sociedade ao dizer que a mulata não servia para o matrimônio e sim para cozinhar e com homem deitar. A mulher negra destinava-se apenas para servir aos brancos como objeto de desejo e cobiça sexual e era tratada apenas como a outra. Conforme Freyre (2004, p. 518):

Cada branco de casa-grande ficou com duas mãos esquerdas, cada negro com duas mãos direitas. As mãos do senhor só servindo para desfiar o rosário no terço da Virgem; para pegar as cartas de jogar; para tirar rapé das bocetas ou dos corri boques; para agradar, apalpar, amolengar os peitos das negrinhas, das mulatas, das escravas bonitas dos seus haréns.

Freyre traz à baila, no excerto acima, o domínio do homem sobre o corpo feminino, apropriando-se dele apenas como objeto para usar e satisfazer aos seus desejos sexuais, saciar sua sede de prazer. No que diz respeito às categorias de cor e de raça, Hall afirma que:

Conceitualmente a categoria 'raça' não é científica. As diferenças atribuíveis à 'raça' numa mesma população são tão grandes quanto aquelas encontradas entre populações racionalmente definidas 'raça' é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder socioeconômico, de exploração e exclusão, ou seja, o racismo (2009, p. 66).

Diante dessa afirmação, pode-se concluir que a representação da "raça" se constrói perante a sociedade, socialmente e politicamente, trazendo, consigo, uma forte ideologia que, no caso da época de Gabriela, afirmava a supremacia da cor branca em relação às demais raças, sobretudo a negra.

### 3.3 “EU NASCI ASSIM ...”

A obra “Gabriela, cravo e canela” abarca fortemente elementos da cultura baiana, a saber, a culinária e a religiosidade, por meio do candomblé e a dança. Gabriela gostava de dançar, seu corpo balança ao andar e isso é representado pela canção *Modinha para Gabriela*, cantada por Gal Costa, em que o seguinte trecho demonstra traço peculiar da personalidade da transgressora Gabriela: “[...] eu nasci assim, eu cresci assim, e sou mesmo assim, vou ser sempre assim, Gabriela, sempre Gabriela” (CAYMMI, 1975).

Mesmo a protagonista se casando e vestindo roupas de luxo, nunca iria mudar o seu jeito de ser, seria sempre a mesma Gabriela, a mulata que todos os homens da cidade de Ilhéus desejavam, que muitos já tiveram em sua cama, a mesma mulher que seduzia com sua beleza, seu cheiro de cravo e sua cor de canela e nem mesmo o casamento a tornaria de um só homem.

Gabriela gostava de dançar, a dança vinha de dentro, invadido a sua alma:

Gabriela ia andando, aquela canção ela cantara em menina. Parou a escutar, a ver a roda rodar. Antes da morte de seu pai e da sua mãe, antes de ir para a casa dos tios. Que beleza os pés pequeninos no chão a dançar! Seus pés reclamavam, queria dançar. Resistir não podia, brinquedo de roda adorava brincar. Arrancou os sapatos, largou na calçada, correu pros meninos. De um lado Tuísca, de outro Rosinha. Rodando na praça, a cantar e a dançar (AMADO, 2008, p. 253).

A forma simples como Gabriela vivia, fazendo com que sua identidade fosse representada apenas como a mulher mulata e cozinheira, não tinham dados que a representasse, era como um espelho que a refletia sobre si mesmo, só servia para satisfazer aos desejos e prazeres dos homens.

As tradições culturais da Bahia, como as baianas, a culinária e a dança foram incorporadas na protagonista Gabriela. A terra do cacau, Ilhéus, como a terra prometida, lugar do prazer, da sensualidade e até mesmo do adultério, onde a traição era vingada com sangue, tradições existentes em décadas passadas. Com Gabriela, o estereótipo de uma mulher perfeita se estabelece em alguns aspectos, a despeito dela quebrar as barreiras de um moralismo opressor.

Nacib era sempre bem servido, tanto na mesa, como na cama, mas a mulata não foi leal ao casamento, ao seu marido. Gabriela é uma mistura da cultura sertaneja e, junto a Nacib, desafiou os costumes da época.

Na visão de Alves (2004 p. 93) o livro “Gabriela, cravo e canela”, de Jorge Amado, é a imagem da Bahia das belas mulheres “o romance ajuda a produzir uma imagem de terra selvagem, exuberante e exótica, onde habita uma gente alegre, que se caracteriza, sobretudo, pelo erotismo desmedido”. Gabriela é caracterizada por Jorge Amado com essa alegria, andava sempre com uma flor por trás da orelha, vivia sempre sorrindo, seus passos eram como dança e ela sempre aceitou essa simplicidade, uma vez que gostava da vida que levava, de fazer saborosos pratos para Nacib, de esperá-lo para com ele se deitar:

Com Gabriela: todas as vezes que não tinha mulher e chegava em casa sem cansaço e sem sono. Mais com ela, talvez do que com as outras. Porque nenhuma se comparava, tão fogosa e úmida, tão louca na cama, tão doce no amor, tão nascida para aquilo (AMADO, 2008, p. 164).

Gabriela é uma figura da mulher perfeita que satisfazia aos desejos do homem tanto na cozinha como na cama. Na visão de Sant’Anna (1993, p. 33),

Amar e comer são sinônimos. Aí a malícia cheia de charme explorando a ambiguidade daqueles termos. E, de maneira mais complexa, esse estaria sobretudo na ficção do baiano Jorge Amado, quando, especialmente em Gabriela cravo e canela e Dona Flor e seus dois maridos, o cozinhar e o amar são duas atividades complementares, uma vez que Dona Flor e Gabriela são imbatíveis, tanto na cozinha quanto na cama.

Gabriela viveu no tempo em que as mulheres tinham de ter dons culinários para agradarem aos maridos e, na cama, apenas podiam conhecer a vida sexual após o matrimônio, não podendo sentir prazer com o ato sexual desejando o marido. No romance, a protagonista rompe com esse padrão ao despertar prazeres e gostar de deitar com Nacib e com os outros que já havia se deitado:

Os olhos do árabe fitavam em Gabriela a dobrar a esquina por detrás da igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quando mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia ser feito de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela (AMADO, 2008, p. 397).

A pele morena remetia ao período da escravidão, o cheiro de cravo e a cor de canela, achada no mercado de escravos, a bela mulata que servia tanto na cozinha como na cama, isso nunca mudaria, Gabriela é a mulher que rompia com todos os padrões existentes em uma época em que a vida social era para o homem.

A mulata não gostava da “nata”, queria ter a liberdade de fazer as coisas que gostava e que a sociedade lhe proibia:

Esquentar o sol nas manhas sem chuva, mordida goiabas, vermelhas pitangas. Conversar horas perdidas com seu amigo Tuísca agora estudante para carpina. Corria descalço na praia, os pés na água fria. Dançar roda com as crianças na praça, de tarde. Esperava o luar esperando Nacib. Viver era tão bom (AMADO, 2008, p. 395).

Gabriela era uma sertaneja órfã, que morava com seu tio, até ir em busca de melhores condições de vida na cidade de Ilhéus, trazendo em si a identidade da Bahia, terra de belas mulheres, corpos atraentes, ancas avantajadas, a terra do cacau. Gabriela, a mestiça, o estereótipo da mulher brasileira “Explicar é limitar. É impossível limitar Gabriela, dissecar sua alma” (AMADO 2008, p.349).

Apesar de sua honestidade, tinha vestígios de muitos amores e gostava de se aventurar. “Gabriela é boa, generosa, impulsiva, pura. Dela podem-se enumerar qualidades e defeitos, explicá-la, jamais, faz o que ama, recusa-se ao que não lhe agrada. Não quero explica-la. Para me basta vê-la, saber que existe” (AMADO, 2008, p. 349).

## 4 A RESISTÊNCIA DA MULHER NEGRA NA CONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE COMO SUJEITO DE SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

### 4.1 O NEGRO VISTO COMO NEGRO

O negro vem sendo, desde o século XX, valorizado por meio da literatura afro-brasileira, a partir da suavização do preconceito e do racismo que por muito tempo sofreu por conta de sua cor, cultura e até mesmo do seu continente. Como salienta Munanga (1988, p. 21);

A desvalorização e a alienação do negro estendem-se a tudo aquilo que toca a ele: o continente, os países, as instituições, o corpo, a mente, a língua, a música, a arte, etc. seu continente é quente demais, de clima viciado, malcheiroso, de geografia tão desesperada que o condena à pobreza e à eterna dependência. O negro é uma degeneração devido à temperatura excessivamente quente.

O negro passa a ser julgado por seus traços de origem e a sociedade insistia em manter sua imagem como algo negativo, diminuindo todo o seu potencial, sua beleza e sua história. Mas, aos poucos, os movimentos negros foram surgindo, levantando sua autoestima, dando ao negro resistência para ir à luta, para conquistar a liberdade. Conforme Munanga (1988, p. 37):

Reagindo, por sua vez, contra os estereótipos e preconceitos inveterados circulando a respeito do negro, longe de lamentar-se de sua cor, como acontecia com alguns no passado, o movimento reivindica-a, encontrando nela fonte de glória. Tratava-se de ter a liberdade de expressar-se como se é, e sempre se foi; de defender o direito ao emprego, ao amor, a igualdade, ao respeito; de assumir a cultura, o passado de sofrimento, a origem africana.

Os movimentos negros fomentaram a independência do negro para que este pudesse assumir sua posição como ser humano, reconhecendo e aceitando sua identidade, advinda de um passado sofrido, rejeitado e possibilitando-o enxergar-se como sujeito agente de sua própria história. A negritude foi o primeiro passo para o reconhecimento do negro como tal pois “Para Césarie a *negritude* é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura” (MUNANGA, 1988, p. 45).

Assim, o negro passa a ter consciência de sua identidade histórica e cultural, voltando à sua origem negra, tomada pelos brancos, para serem escravizados com

trabalhos braçais, tirando tudo o que lhe era de direito, como a liberdade e a cultura, que agora foi lhe devolvida. Mas, para que tudo isso acontecesse, ter seu lugar na sociedade, no mercado de trabalho, na escola e até mesmo no lazer, teve de ocorrer, aos poucos, com o surgimento dos movimentos negros.

No entanto, devido ao seu passado discriminado, mesmo depois de conseguir sua liberdade, o negro continuou a não frequentar lugares que os brancos frequentavam porque eram rejeitados. Devido a essa situação de discriminação, foi criada a Lei 10639/03 que propõe à escola novas diretrizes para o estudo da história e da cultura afro-brasileira e africana, possibilitando ao aluno o conhecimento de elementos que foram e são importantes para a formação da sociedade brasileira.

Nos dias atuais, ainda existe muito preconceito, que, se constituir crime de raça ou de cor, será o praticante desse ato enquadrado e penalizado pela lei Lei 7.716/89 por crime de racismo. No Brasil, tal crime é inafiançável e imprescritível.

Devido à falta de desvalorização do negro, muitos passaram à não aceitação de si mesmos colocando a imagem da raça negra como sendo algo negativo e a raça branca como positiva, constituindo a ideologia do branqueamento como salienta Silva (2001, p. 18):

A ideologia do branqueamento se efetiva no momento em que o negro, internalizando uma imagem negativa de si próprio e uma imagem positiva do branco, tende a se rejeitar, a não se estimar e a procurar aproximar-se em tudo do indivíduo estereotipado positivamente e dos seus valores, tidos como bons e perfeitos

Quando o negro passa a discriminar a si mesmo e a não aceitar a sua cor como sendo positiva e a ele como ser humano capaz de ocupar o seu próprio lugar na sociedade, sem racismo e preconceito, torna-se mais difícil uma valorização igualitária, aumentando ainda mais a discriminação racial.

Ideologicamente, o negro é apunhalado com a inferioridade, principalmente no mercado de trabalho. Mas, com o tempo, o negro começou a ocupar cargos superiores, no entanto, o racismo ainda permanece, mesmo com o surgimento de leis contrárias à desigualdade de raça e cor que “protegem-no” de agressões físicas e psicológicas.

O negro passou a se expressar através da literatura como escritor de sua própria história, dando a conhecer sua história de luta e resistência que houve a todo momento durante a escravatura, como salientam Gomes e Reis (1996, p. 9):

Onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sobre a ameaça dos chicotes, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantações, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual e coletivamente.

Conforme expõe o excerto anterior, essa foi a forma que os escravos encontraram para poderem protestar contra as crueldades a que eram sujeitos. Nessa mesma linha de pensamento, argumenta Mott (1991, p. 29-30) que o negro:

[...] fingia ser ignorante e incompetente, portanto, 'infantil' e incapaz. Assim, a cozinheira jamais executaria satisfatoriamente o serviço da arrumadeira, caso isso fosse lhe dado ao fazer. Mostrava-se desastrada, sabotando o trabalho e destruindo a casa, o serviço doméstico era em geral malfeito, apesar do grande número de escravas e escravos a ele destinado; um empurrava o serviço para o outro e ninguém fazia nada. Outra maneira de 'mangar' o serviço era simular doença; algumas escravas tomavam chá de raiz de café que provocava inchaço no corpo todo, o que fazia que fossem dispensadas do serviço até que o inchaço desaparecesse.

O negro era considerado preguiçoso devido a forma de protestar para ter direito à liberdade. Muitos escravos fugiam das fazendas, em grupos ou individualmente, para tentarem se proteger de castigos a que pudessem ser submetidos. Fugiam formando quilombos ou mocambos onde ficavam os escravos fugitivos que eram bem escondidos em matas para que os capatazes não os encontrassem e os levassem de volta para a fazenda. Caso isso acontecesse, eram castigados e torturados, levando muitos à morte.

As escravas, conforme Mott (1991) se suicidavam porque essa prática configurava uma das formas encontradas por elas para fugirem da situação de opressão em que viviam. Eram frequentes as mortes por suicídios entre escravos nascidos em algumas regiões da África, pois acreditavam que, depois da morte, retornariam para lá. Alguns chegavam a fazer pacto de morte na esperança deste encontro futuro.

Os escravos chegam ao limite para viverem em liberdade, fugindo e até mesmo se matando para saírem da situação em que viviam, como, por exemplo, a falta de comida e o excesso de trabalho, encontrando a solução na morte ou como fugitivos.

Mott (1991, p. 35) diz que “[...] a carta de alforria era um direito estabelecido por lei. Foram obtidos relativamente poucos nos séculos XVI e XVII, tomando-se mais

frequentes a partir do século XVII". Os escravos negociavam sua liberdade indo embora da fazenda ou continuavam como escravos alforriados, preferindo ficar por conta da discriminação que ia sofrer fora da vida que lhe foi sujeitada por muito tempo.

## 4.2 LUTAS E CONQUISTAS DAS MULHERES NO INÍCIO DO SÉCULO XX

As mulheres, por muito tempo, foram tratadas com inferioridade e seu serviço era conduzir a cozinha, pois era mais leve, recuando toda sua capacidade de ocupar outras funções em algum cargo no mercado de trabalho, na escola e até mesmo no lar. Eram colocadas sempre como inferiores aos homens, discriminadas, rejeitadas, destinadas apenas a gerarem filhos herdeiros para seguirem com os negócios do pai e quando nasciam filhas, deveriam seguir os passos da mãe, obedecendo ao homem, fosse pai ou marido.

O homem podia se ausentar de casa na hora que quisesse para sair com os amigos e viver uma vida independente, mesmo sendo casado, e tal condição não lhe impedia de ter outras mulheres para satisfazê-los.

Para Del Priore (2003, p. 49), "nos tempos coloniais, que havia apenas três ocasiões em que a mulher poderia sair do lar durante toda sua vida: para se batizar, para se casar e para ser enterrada". A mulher, independentemente de sua cor e classe social, foi reprimida em sua beleza, sensualidade, no direito à escolha de seu marido, de estudar e de ocupar um espaço no mercado de trabalho em cargos superiores.

As mulheres passaram a reivindicar seus direitos, principalmente o direito de votar, que foi uma grande conquista e, em 03 de maio de 1933, pela primeira vez votou, começando a ser independentes. No entanto, exercendo direitos diferenciados, mesmo não sendo valorizada pelo trabalho que exerciam, continuavam lutando para conquistarem seu lugar, como mulher, na sociedade.

Acerca dessa questão, Del Piore (2000, p. 244) afirma que:

As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e as chamadas 'prezadas domésticas' – orientar os filhos, fazer ou mandar fazer a cozinhar, costurar e bordar. Outras, menos afortunadas, viúvas ou de uma elite empobrecida, faziam doces por encomenda, arranjos de flores, bordados a crivo, davam aula de piano e solfejo, e assim puderam ajudar no sustento e na educação da numerosa prole. [...] essas atividades além de não serem muito valorizadas, não eram muito bem vistas socialmente.

As mulheres oriundas de classe inferior procuravam meios de se sustentarem trabalhando como domésticas e com trabalhos considerados pesados para não passarem fome:

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantia de seu sustento. Eram, pois, costureira e rendeira, lavradeira, fiadeira ou roceira – estas últimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiro, faziam todo o trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher (DEL PRIORE, 2003, p. 250).

O trabalho era diferenciado entre mulheres negras e brancas, sendo as mulheres negras e escravas submetidas a trabalhos mais pesados do que as mulheres brancas, trabalhando, na maioria das vezes, na roça:

As escravas trabalhavam principalmente na roça, mais também foram usadas por seus senhores como tecelãs, fiadeiras, rendeiras, carpinteiras, azeiteiras, amas-de-leite, pajens, cozinheiras, costureiras, engomadeiras, e mão-de-obra para todo e qualquer serviço doméstico. Os escravos, trabalhavam desde a infância. Aos seis anos, tanto os meninos quando as meninas, trabalham na roça, tomando conta de animais ou fazendo covas para o plantio do milho (DEL PRIORE, 2003, p. 250)

Mesmo lutando para ser respeitada na sociedade e para ter direitos iguais aos dos homens, a cor e a classe social a definiam e a luta era a mesma, tanto para a mulher branca, quanto para a mulher negra, pois ambas ansiavam por direitos igualitários.

Aos poucos foram tomando posse de sua liberdade, mas a discriminação e os abusos de toda ordem levaram mais tempo para serem punidos. Algumas mulheres trabalhavam para ajudar o marido, no lar e fora dele, e, apesar disso, eram pouco reconhecidas. Em vez de ser admirada por ser “boa trabalhadora” (DEL PRIORE, 2003, p. 516), como o homem em situações parecidas, a mulher com o trabalho assalariado tinha de defender sua reputação contra a discriminação moral, uma vez que o assédio sexual era lendário.

O reconhecimento que elas tinham era pouco, pois muitas das vezes eram abusadas, recebiam salários miseráveis e isso acontecia para as que procuravam trabalhos fora de casa, em fábricas, empresas, etc. Na visão da elite colonial, a mulher tinha que se ocupar apenas com serviços domésticos e o homem seria responsável pelo sustento da casa, no entanto, para a classe mais baixa, a mulher

trabalhava para ajudar nas despesas de casa, principalmente quando tinha muitos filhos.

Nesse sentido,

A norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto o homem assegurava o sustento da família trabalhando no espaço da rua. [...] tratava-se de um estereótipo calcado nos valores da elite colonial, e muitas vezes espelhando nos relatos de viajantes europeus, que servia como instrumentos ideológicos para marcar a distinção entre a burguesia e as pobres (DEL PRIORE, 2003, p. 517).

Segundo a pesquisadora, a classe social a definia na sociedade, as mulheres mais pobres trabalhavam fora de casa junto ao marido, no sustento da casa, enquanto a mulher de classe social mais abastada ficava em casa, apenas o marido trabalhava. Outra forma de discriminação, além do trabalho fora de casa, foi o divórcio. A mulher divorciada era mal vista pela sociedade. Segundo Del Priore (2003, p. 524) “Sem homem, quem pode ‘botar respeito’ na casa? ”.

A sociedade não respeitava as mulheres e elas eram até mesmo agredidas, pois as viam como mulheres qualquer, sem nenhuma proteção e, para sua segurança, contratavam homens fortes e valentes para protegê-las.

Desta maneira, “a presença de um homem, de preferência forte e valente, era vista como quase indispensáveis tanto para espantar malfeitores quanto para atestar da integridade moral das mulheres” (DEL PRIORE, 2003, p. 525).

A moral da mulher era devastada devido ao abandono do lar, pois, para a sociedade, uma mulher divorciada não merecia respeito e o machismo e o preconceito caíam sobre a figura feminina rejeitando-a no mercado de trabalho e em outras atividades, fazendo-a sofrer preconceitos de toda ordem.

#### 4.3 A MULHER NO INÍCIO DO SÉCULO XX E SUA IMPORTÂNCIA NO MATRIMÔNIO

A mulher foi, durante décadas, reclusa da vida social e política, tendo seu papel reduzido à vida matrimonial e aos cuidados do lar. Eram reprimidas de terem opiniões sobre assuntos considerados apenas para os homens, a exemplo da escolha do marido para a filha. O casamento, no período colonial, era de grande importância para as famílias, como adverte Algranti (1993, p. 64):

O casamento era visto, portanto, não só como uma maneira de aumentar a população, mas de aumentá-la por meio das leis da igreja católica, de forma a disciplinar os colonos, torná-los mais assentados, presos aos laços familiares, dificultando sua volta às metrópoles. O sacramento do matrimônio ligava-se, assim, à política de povoamento e exploração da colônia e destinava às mulheres o papel bem nítido de esposas e mães.

O casamento, para a mulher, era colocado como obrigação e a ela atribuído o papel de boa esposa e mãe, dando-lhe a opção de casar ou entrar para um convento. Mas, para que o contrato ocorresse, haviam laços que eram estabelecidos, como a honra e a virtude na medida em que a honra fosse o efeito da virtude.

A mulher que se sujeitava à desonra, ou seja, que não apresentava castidade antes do casamento e que não o mantinha nos moldes tradicionais, era excluída do papel da esposa fiel, pura e de boa mãe.

No caso da mulher, contudo, o que se nota é a apropriação de um valor cívico – a virtude – pela moral. A mulher virtuosa foi durante séculos a pura, a casta, ou a fiel ao marido, e, portanto, honrada. Neste sentido, a honra feminina estava longe de ser um privilégio de classe – como muitas vezes foi considerado para os homens –, mas um bem que todas as mulheres possuíam, desde que o preservassem virtuosamente através da castidade ou da fidelidade (ALGRANTI, 1993, p.112).

A mulher, no século XX, era mantida numa espécie de cativeiro dentro de seu próprio lar, uma vez que tinha sua liberdade cerceada pelo estabelecimento de regras sociais ligadas ao patriarcalismo, sendo sujeitadas aos caprichos machistas e que proporcionavam ao seu marido muito mais dinheiro e poder por meio do dote. Eram preservadas em casa para que não cometessem infidelidade e, quando isso acontecia, eram excomungadas pela sociedade.

Conforme Algranti, (1993, p. 112):

A desonra da mulher, por outro lado, vinculava-se à impudícia: tratava-se de uma ação desencadeada no âmbito da vida privada. Porém a desonra cobria a ambos de vergonha e os excluía de uma comunidade de iguais, tornando-se um estigma até que fosse possível livrar-se dela. [...] A honra era uma questão tanto pública como privada, esclarece Patrícia Seed. [...] manter a honra significava, antes de mais nada, manter as aparências.

Uma dentre as possíveis desonras que poderiam ser cometidas por uma mulher, nessa época, era a infidelidade, mas que, para o homem, era possível, possibilitando-o a vivência de uma vida dupla sem que lhe fosse agregada qualquer mácula pela sociedade. Assim sendo, a mulher era excluída, sobretudo, pelas

pessoas que a considerava de respeito.

A infidelidade ao marido constituía uma das maneiras de transgredir a situação de aprisionamento e cerceamento de liberdades possibilitados pelo matrimônio, permitindo à mulher a vivência de paixões e aventuras fora da vida conjugal.

A igreja foi de grande importância para o período colonial, uma vez que detinha o poder, principalmente, de julgar a infidelidade e a desonra. Mulheres cristãs iam à igreja cobertas dos ombros aos pés porque a instituição religiosa julgava que os pés à mostra as sensualizavam:

A necessidade de recato é uma regra. Se alguma mulher se fardar com alvaiade ou outro enfeite para agradar a outros que não seu marido, imponha-se lhe três anos de penitência. Além de perseguir a exibição de 'seios e tetas', que a Reforma irá associar à prostituição, a igreja vai ao enlaço da ostentação dos pés femininos, pois que 'espicaçavam os aguilhões da carne' (DEL PRIORE, 2003, p. 24).

Não era permitido à mulher ser vaidosa, sob o risco de chamar atenção de outros homens, podendo apenas se arrumar para seu marido no âmbito de sua residência. Del Priore (2003, p. 24) traz, como exemplo dessa questão, um processo paulista de divórcio, de 1976, em que o juiz dá ao marido liberdade de fazer o que quiser no caso de traição por parte de sua esposa: "fazendo a mulher o contrário de amar e respeitar o marido é permitido a este reger e aconselhar sua mulher, e ainda castigá-la modelarmente se merece ...".

Se o castigo não fosse humano, sendo ministrado pelo marido, ele seria divino. O casamento tinha de ser perfeito para a igreja e a mulher não poderia ser desonesta, obedecendo ao homem, cuidando dos filhos e da casa com dedicação, não poderia sentir prazer, a igreja a censurava inculcando-lhe essa prática como pecado, as mulheres menstruadas não podiam ser tocadas por seus maridos:

[...] a igreja proíbe o acesso a mulheres menstruadas, 'pela imundície... e dano que podia causar à prole', como a lepra e outras enfermidades. Só não se contagia de qualquer mal a mulher exemplar 'que paga ao marido que pede com insistência para aliviar o perigo de incontinência' O discurso não era apenas dirigido às mulheres brancas. Pregado nos domingos e dias santos, em que escravas e forras frequentavam, eles também, as igrejas, os padres recomentavam que estas não prostituíssem, ganhando com seus corpos dinheiro para seus senhores ou para si mesmo (DEL PRIORE, 2003, p. 26).

As leis da igreja eram pregadas para todas as mulheres, brancas e negras, exceto para os homens. A prostituição infantil era bem frequente no período colonial pois os senhores intencionalmente davam presentes para as adolescentes e crianças com pretensão de aproveitarem de sua inocência.

Nessa época, as prostitutas tiveram grande serventia para os homens enquanto as esposas seguiam as regras da igreja católica no tocante à castidade, como, por exemplo, não sentirem prazer, excluindo, dessa maneira, sua sexualidade, como dever de uma boa esposa. As prostitutas satisfaziam aos prazeres carnavais de seus amantes:

[...] as prostitutas do Brasil colonial foram ideologicamente úteis para a construção e valorização do seu oposto: a mulher pura, identificada como a virgem Maria e distante da sexualidade transgressora. Pacificadoras da violência sexual contra as donzelas causadoras e do desejo que pusesse em risco a fidelidade às esposas, as prostitutas, aos olhos da igreja, eram contraditoriamente a salvaguarda do casamento (DEL PRIORE, 2003, p. 33-34).

Como as mulheres não serviam sexualmente aos seus maridos, de maneira devassa e calorosa, este fato tornava-as mais puras aos olhos do catolicismo. Enquanto isso, os homens procuram as prostitutas – mulheres separadas, amaciadas ou mesmo casadas, tidas como amantes - sendo a favor dessa atitude pois a mulher era subordinada a seguir as leis da igreja como a preservação da castidade, perfazendo uma vida pura, preservando, assim, os bons costumes de mulheres devotas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar das condições do feminino, sobretudo da mulher negra – configuradas na imagem da protagonista da obra literária “Gabriela, Cravo e Canela”, de Jorge Amado, no início do século XX, não é tarefa fácil porque fácil, também, não foi a luta da mulher negra, nesta época, para alcançar um papel de protagonista de sua própria história em uma sociedade machista fundada nos moldes do patriarcalismo, seara social em que muitos julgaram-na como incapaz intelectualmente e fisicamente.

Durante muito tempo, a mulher, em especial, a mulher negra, sentiu-se na obrigação de obter um lugar que lhe deveria ter sido assegurado por direito, mas que lhe foi surrupiado por um tempo em que as liberdades individuais das mulheres eram cerceadas.

A maioria das mulheres negras eram subjugadas por sua cor e pelo seu sexo, sofreram as mais diversas barbáries a que poderiam ser submetidas, mas, em nome de sua liberdade, reivindicaram direitos, como o de votar e de trabalhar ocupando cargos que eram destinados apenas para homens e pela liberdade de fazer suas próprias escolhas.

Nesse sentido, Gabriela, enquanto personagem, ilustra bem o contexto daquela época e a condição da mulher naquela sociedade. Percebe-se, com a análise do romance aqui abordado, que a mulher negra lutou com determinação e coragem, mesmo não podendo gozar plenamente de sua liberdade naquele contexto, mas contribuiu para o surgimento de movimentos que buscaram e consolidaram vitórias importantes nesse sentido, a exemplo da literatura afro-brasileira, que surgiu, dentre outras coisas, para discutir o negro como sujeito agente de sua própria história e que resiste até hoje a despeito do racismo ainda ser uma prática presente.

Jorge Amado, neste sentido, com muita maestria, escreve uma obra marcada pelo protagonismo de costumes de uma sociedade em que imperavam regras às quais tinham de ser seguidas pelas mulheres em geral, dando a conhecer as condições de protagonismo secundário que foram atribuídas à mulher negra e/ou mulata, abarcando, em Gabriela, toda a vontade destas mulheres de transgredirem e viverem suas vidas como gostariam que fossem: livres.

Assim, espera-se, com este trabalho, contribuir para a discussão aqui fomentada e também chamar atenção para o fato de que sociedade foi e ainda é preconceituosa em relação à figura feminina, independentemente de cor e raça.

## REFERÊNCIAS

ALGRANTI, L. M. **Honradas e devotas**: mulheres da colônia. Condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Ed. UnB, 1993.

ALVES, Ivya (Org.) **Em torno de Gabriela e Dona Flor**. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 2004.

AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**: crônica de uma cidade do interior. São Paulo: Companhia de letras, 2008.

AMADO, Jorge. **Gabriela, Cravo e Canela**: crônica de uma cidade do interior: romance. São Paulo: Martins, 1959.

ANDRADE, Jackeline Mariz. **GABRIELA**: “A HEROÍNA MULATA”, OU GABRIELA, “A MULATA”? Tese de Bacharelato em Língua e Cultura Portuguesa - Departamento de Estudos Portugueses da Universidade de Utreque. Março de 2013, 40 folhas. Disponível em [file:///C:/Users/ACER/Downloads/Tese%20de%20Bacharelato%20em%20Lingua%20e%20Cultura%20Portuguesa%20J.M.%20Andrade%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/ACER/Downloads/Tese%20de%20Bacharelato%20em%20Lingua%20e%20Cultura%20Portuguesa%20J.M.%20Andrade%20(4).pdf). Acesso em

BENRD, Zilá. **Introdução à literatura negra**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1988.

DUARTE, Eduardo de Assis “**Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**”. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23

FILHO, Feliciano José Bezerra. **Literatura afrodescendente**: memória e construção de identidades. In: FERREIRA Elio e MENDES Algemira de Macedo (org.). Editora São Paulo: Quilombo Hoje, 2011.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna. **Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea**. Belo Horizonte - MG: Mazza: PUC Minas, 2002, p. 191-218.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. 29ª Ed. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casagrande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

GELEDÉS – INSTITUTO DA MULHER NEGRA. Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea). **Guia de enfrentamento do racismo institucional**. 2013. Disponível em: < <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/12/Guia-de-enfrentamento-ao-racismo-institucional.pdf>> acesso em 12/01/2018.

GOMES, Nilma Líno. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Guarareia Lopes Louro. 11<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro, 2011.

IANNI, Octávio. **Literatura e Consciência**. Estudos Afro-Asiáticos, n. 15, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. São Paulo: Africa, 1988

MOTT, Maria Lucia de Barros. **A mulher na luta contra a escravidão**. 2.ed. São Paulo: contexto, 1991.

PATRÍCIO, Rosana Ribeiro. **Imagens de mulher em Gabriela de Jorge Amado**. Salvador: FCJA, 1999.

PRIORE, Mary Del. **Mulheres no brasil colonial**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

RAMOS, Ricardo. **Gabriela e as outras mulheres de Jorge Amado**. São Paulo, n.21, p.100-101, jun. 1975.

REIS, João José & GOMES, Flávio dos Santos. **Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil**. São Paulo: cia. das Letras, 1996.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido de Brasil**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **O canibalismo amoroso**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SILVA, Ana Celia. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador: Edefba, 2001.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendente em cadernos negros e Jornal do MNU**. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.